

A PERCEPÇÃO DE SIMILARIDADES TRANSLINGÜÍSTICAS ENTRE PORTUGUÊS-LM E INGLÊS-LA NA APRENDIZAGEM DE *PHRASAL VERBS*: RESULTADOS DE UM TESTE-PILOTO

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹UFPEl – renan.ferreira@hotmail.co.uk

²UFPEl – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados parciais, obtidos através de um teste-piloto, sobre a percepção de similaridades translinguísticas entre português e inglês na aprendizagem de *phrasal verbs*. Nossa pesquisa parte do princípio de que ao nos dispormos a aprender um novo idioma, colocamos em contato todo o nosso conhecimento linguístico prévio, isto é, nossas línguas maternas (LM) e tudo o que aprendemos sobre outras línguas, e a língua-alvo (LA). Esse contato é inevitável e inerente à aprendizagem de qualquer língua estrangeira, e ele molda os conhecimentos que adquirimos da LA, formando em nossa mente um sistema diferente da LM e da própria LA, o qual a literatura convencionou chamar de interlíngua (SELINKER, 1972). Ao longo deste processo de aprendizagem, fazemos julgamentos, conscientes e/ou inconscientes, sobre a dificuldade do idioma que estamos aprendendo, os quais se baseiam tanto na real distância linguística entre as línguas quanto na distância que nós *pensamos* existir (KELLERMAN, 1977; ODLIN, 1989; RINGBOM, 2007; JARVIS e PAVLENKO, 2008).

Aprendizes brasileiros (que têm português como LM) notam semelhanças entre a sua LM e o inglês principalmente nos cognatos, palavras da LA que conservam similaridades formais com seus equivalentes em português (em sua grande maioria, palavras de origem latina ou grega). Por outro lado, quem lida ou já lidou com ensino/aprendizagem desta língua estrangeira (como aluno ou professor) já se deparou com crenças e opiniões sobre a dificuldade de se aprender certos aspectos dela, tais como a pronúncia, os verbos auxiliares que regem as construções interrogativas e negativas, o vocabulário que não é de origem latina etc. Dentre as dificuldades mais frequentemente reportadas, pelo menos na nossa experiência docente, os *phrasal verbs* (PV) estão entre os principais.

PV são construções verbais formadas por um verbo e uma ou duas partículas e que possuem significados distintos dos verbos em si (ex.: *go out* – “sair”; *call off* – “cancelar, postergar”). Embora os significados de muitos deles possam ser inferidos a partir de suas partes constituintes (ex. *go up*, literalmente “ir para cima”, ou seja, *subir*), a maioria não tem sentidos tão literais assim, o que causa estranheza nos aprendizes, fazendo com que considerem os PV um tipo de estrutura própria do inglês, inexistente no português e, portanto, difícil.

As gramáticas da língua portuguesa não preveem uma categoria de verbos equivalente aos PV do inglês. As regras de regência verbal dizem que há verbos que, quando acompanhados de complemento, exigem certas preposições (ex.: gostar (de): eu gosto de carne), mas eles conservam seu significado. Contudo, há verbos que, quando utilizados com certas partículas, têm significados diferentes dos verbos originais. Por exemplo, o verbo *jogar*, que quer dizer praticar, competir, apostar, arremessar (HOUAISS *et al.*, 2009), quando utilizado com a

partícula *fora* assume o significado de “descartar, pôr no lixo” (ex.: ele jogou fora a garrafa). A combinação *jogar fora* (verbo + advérbio), que funciona como uma unidade lexical, é equivalente em forma e significado aos *phrasal verbs* do inglês. O equivalente a *jogar fora* em inglês também é um PV (*throw out*) e suas partes constituintes equiparam-se às do equivalente português (*jogar* = *throw*; *fora* = *out*), ainda que, curiosamente, nenhuma das partes que o formam sejam de origem latina.

Em levantamento realizado como etapa de pesquisa preliminar do presente trabalho, concluímos que a língua portuguesa possui PV, ainda que não como uma categoria gramatical formalmente reconhecida, e que vários PV portugueses conservam similaridade translinguística com PV ingleses, apesar de não serem cognatos. As similaridades mais aparentes constatadas foram os PV do inglês que são de origem latina e, por isso, cognatos de PV do português (ex.: *consist in* = *consistir em*), mas há também PV ingleses que têm seus itens constituintes equivalentes aos dos PV portugueses (ex.: *come down* = *vir abaixo*).

Poderíamos supor que essas congruências existem não por causa de algum tipo de similaridade translinguística objetiva (tipológica), mas devido a empréstimos e apropriação de vocabulário de uma LE de grande influência e prestígio como o inglês, ou até mesmo por coincidências sem explicação tipológica. Entretanto, essas similaridades existem não apenas no nível do item, mas também no do sistema. A presença, na língua portuguesa, de estruturas que podem ser caracterizadas como PV, mas que não existem em inglês (ex.: *ficar de* = combinar, comprometer-se a), evidenciam que o “sistema *phrasal verb*”, ou seja, as regras de organização de elementos que resulta em itens lexicais formados por *verbo* + *partícula(s)*, faz parte do português.

O presente trabalho trata da etapa seguinte ao levantamento mencionado acima. Nessa segunda etapa, buscamos coletar dados que nos permitam compreender se e como os aprendizes brasileiros de inglês percebem as similaridades existentes entre PV ingleses e estruturas equivalentes na sua LM. Para isso, eles serão submetidos a um teste de múltipla escolha e a entrevistas semiestruturadas sobre suas respostas no teste. Os resultados mostrados na apresentação oral do presente trabalho serão baseados em dados coletados de uma teste-piloto, a primeira versão do teste de múltipla escolha, aplicada a um número reduzido de sujeitos da população-alvo para possibilitar ajustes finais ao instrumento antes da coleta de dados principal ser iniciada.

2. METODOLOGIA

Nossa pesquisa completa se desenvolverá em três etapas: (1) um levantamento comparativo entre português e inglês para estabelecer as equivalências em estruturas do tipo PV; (2) um teste de múltipla escolha para analisar como aprendizes de inglês de nível intermediário e avançado lidam com essas equivalências quando há escolha entre PV e verbos simples que são cognatos de verbos em português, e quando os PV possuem um equivalente (de forma e significado) em português e; (3) uma entrevista para avaliar as percepções dos aprendizes sobre dificuldades do inglês e sua semelhança ou não com português e para estabelecer se a aparente tendência de evitar PV tem alguma relação com a (não) percepção de similaridades translinguísticas. Como o presente trabalho tem como foco a segunda etapa da pesquisa, trazemos, a seguir, mais informações sobre a composição do instrumento de coleta de dados dessa parte.

O teste será composto por 20 questões de múltipla escolha, sendo metade delas questões-alvo para a pesquisa e as demais, questões distratoras. Cada questão será uma frase com uma lacuna e quatro opções (duas respostas possíveis e dois distratores): um PV possível, um verbo simples possível, um PV distrator e um verbo simples distrator. Os sujeitos não serão informados de que haverá mais de uma resposta possível em cada questão e serão instruídos a escolherem apenas uma resposta por questão.

Os PV e verbos simples selecionados, assim como as frases em que eles ocorrem no teste, foram analisados por falantes nativos de inglês (com e sem formação em linguística) para assegurar que, em cada frase, tanto o PV quanto o verbo simples sejam possíveis, mas que haja preferência pelo PV. Além disso, todos os PV estão entre os PV mais comuns do inglês (DIGNEN et al., 2000; GARDNER E DAVIES, 2007; LIU, 2011; GARNIER E SCHMITT, 2015), portanto, não devem ser estranhos para os sujeitos de nível intermediário e avançado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta dos dados que possibilitarão a análise dos resultados obtidos ainda está em curso. A discussão desses dados se dará na apresentação oral do presente trabalho. Entretanto, é possível tecer algumas hipóteses (ou previsões) de resultados esperados.

Como existe uma tendência aparente de se considerar os PV como construções próprias do inglês, é possível que os sujeitos apresentem dois tipos de comportamento. O primeiro, a evitação dos PV, motivada pela presença, na situação de escolha, de verbos cognatos do português. Ou seja, a transferência negativa causada pela percepção de similaridade translinguística nos verbos simples cognatos e pela não percepção de similaridade existente entre o PV e uma estrutura equivalente em português. O segundo, a preferência pelos PV, motivada pela ausência de verbos simples cognatos. Ou seja, a transferência positiva (facilitação) pela percepção de similaridades translinguísticas entre o PV inglês e o equivalente português.

4. CONCLUSÕES

Com nossa investigação sobre se e como os aprendizes percebem similaridades entre os PV do inglês (comumente tidos como estruturas próprias do inglês e difíceis de aprender) e as estruturas equivalentes na sua LM, buscamos contribuir com as pesquisas sobre aprendizagem de PV de modo geral e, no caso do Brasil, oferecer uma nova perspectiva de análise (e possivelmente de ensino) – a das similaridades translinguísticas.

Acreditamos que nossa pesquisa ajudará a esclarecer a importância do conhecimento linguístico prévio do aprendiz, especialmente suas LM, na aprendizagem de outra língua. Esperamos, deste modo, incentivar mais pesquisas sobre o tema, para que os professores de língua estrangeira (especialmente de inglês) no Brasil tenham mais subsídios teórico-metodológicos para ajudar seus alunos a desenvolver suas interlínguas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIGNEN, S. et al. **Longman phrasal verbs dictionary**. Harlow: Longman/Pearson Education Ltd, 2000. 608 p.

GARDNER, D.; DAVIES, M. Pointing Out Frequent Phrasal Verbs: A Corpus-Based Analysis. **TESOL Quarterly**. v. 41, n. 2, p. 339-359, 2004.

GARNIER, M.; SCHMITT, N. The PHaVE List: A pedagogical list of phrasal verbs and their most frequent meaning senses. **Language Teaching Research**. v. 19, n. 6, p. 645-666, 2015.

HOUAISS, A. et al. (Orgs.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

JARVIS, S.; e PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York/London: Routledge, 2008.

KELLERMAN, E. Towards a characterization of the strategy of transfer in second language learning. **Interlanguage Studies Bulletin**, 2, 58-145. 1977.

LIU, D. The most frequently used English phrasal verbs in American and British English: a multicorpus examination. **TESOL Quarterly**, v. 45, n. 4, p. 661-688, 2011.

ODLIN, T. **Language transfer: cross-linguistic influence in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. 210 p.

RINGBOM, H. **The importance of cross-linguistic similarity in foreign language learning**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007.

SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL**, v. 10, p. 209-231. 1972.